

O POETA PAULINO CABRAL

por **Francisco Miranda de Andrade**

I

Oriundo da região de Amarante, o poeta Paulino Cabral viveu todos os seus setenta anos dentro do século XVIII (1719-89). Vida sem história e sem acidentes. Deixando S. Pedro da Lomba, sua aldeia natal, frequenta aulas secundárias, talvez em Amarante e no Porto, e forma-se em Direito Canónico, na Universidade de Coimbra. Posta a concurso a paróquia de Jazente, próximo de Amarante, é nela provido e nela se mantém até quase ao fim da sua vida. Existência tranquila, que muito epicurísticamente se reparte pelos prazeres da caça, da pesca, do jogo, pelos prazeres da mesa, e pelos cuidados agrícolas, pela leitura de obras nacionais e estrangeiras, sobretudo francesas, pela improvisação e urdidura de versos, além da observação dos deveres do seu múnus de sacerdote e pároco em Jazente. Outra parte da sua existência passa-a no Porto, onde se refugia da solidão de Jazente e onde vive intensamente a vida social da cidade: as suas assembleias, os seus chás, as suas reuniões familiares, os outeiros de S. Bento e de Santa Clara, a Fonte da Arca, os passeios a Ramalde e à Foz... Filho de um médico que exerceu a clínica no Porto, o Dr. João Cabral, e irmão de um desembargador da Relação desta cidade, natural é que as casas das melhores famílias portuenses lhe abrissem gostosamente as portas e frequentemente o convidassem para jantares e serões, onde o seu espírito sempre se distinguia pela graça, pela ironia, pelos ditos mordazes, que aliás se depararam em muitos dos seus versos.

Sobressaía também nas reuniões da Academia Episcopal — a Academia fundada pelo bispo D. José Maria d'Afonseca e Évora, que estimava as belas-letas — uma estima que trouxe de Roma, onde permaneceu largo tempo com o embaixador português, mar-

quês de Fontes. Era a época das Academias e, além das numerosas de Lisboa, orgulhavam-se de ostentar as suas as cidades minhotas de Braga e Guimarães. A desta última cidade alude Paulino Cabral alguns dos seus sonetos.

Além do apreço em que era tido pelos seus confrades na Academia,—e em especial pelo Bispo, seu amigo—, o estro e a pessoa do jovem e desenvolto abade tinham o melhor acolhimento de distintas pessoas do meio portuense e de fora dele, contando-se entre elas os condes de Alva, a viscondessa de Balsemão, o fidalgo amarantino Teotónio de Magalhães e Azevedo, o arcebispo de Braga D. Gaspar de Bragança, Teodoro de Sá Coutinho, descendente, no dizer de Camilo, de Sá de Miranda e vivo antagonista de Paulino numa amistosa polémica que travaram em verso. Contudo, não escondeu o Poeta a humildade dos seus antepassados. Se seu pai foi médico e o seu avô paterno um professor de latim, confessa, no entanto, que:

«Um de meus bisavós foi mercador;
Outro foi de alfaiate oficial;
Outro tendeiro foi sem cabedal,
E outro, que juiz foi, foi lavrador».

Transcrevendo este soneto no seu «*Cancioneiro Alegre*», observa Camilo que «o abade foi poeticamente sincero em matéria de linhagem». E foi-o igualmente ao falar nos seus costumes:

«Eu como, eu bebo, eu durmo, e sem receio
Do que há-de vir a ser, a vida passo
.....
Às vezes pesco, às vezes jogo ou leio».

Outra sinceridade se lhe deve reconhecer: a que manteve nas suas relações com Inês da Cunha, a musa ou uma das musas do Poeta, a mais fielmente amada e cantada, a Nise dos seus sonetos. A veemência dos sentimentos fez-lhe esquecer a sotaina eclesiástica e levou-o, a ele que tinha o dom de poetar, a colocar, livremente, sem peias, na moldura clássica do soneto, os sonhos e as realidades da sua vida sentimental.

Foi ainda frequentemente sincero, e, às vezes, com certa rudeza, na sua crítica à sociedade do tempo, nas suas sátiras a usos e costumes da época, nos seus ditos de espírito, imediatamente aplaudidos e reproduzidos pelas salas ou salões onde se reunia a fidalguia ou a burguesia do Porto.

Alguns críticos apresentam-no como um peralvilho almiscarado, dançando minuets e cantando loas ou dizendo versos

em festas familiares que não dispensavam a sua presença. Comparam-no a certos *abbés* do tempo de Luís XV, Voisenon, Chaulieu e Bernis, homens de salão e de alcova, cépticos e corruptos. Outros vêem-no como um exemplo de glotonaria e devassidão, frascário e amante de todos os prazeres da vida, mesmo os menos dignos.

Arnaldo Gama, no seu romance histórico «*Um Motim Há Cem Anos*», onde o Porto dos meados do século XVIII é largamente retratado, introduziu no enredo do livro a figura de Paulino Cabral, que nele desempenha importante e até simpático papel. É de supor que o autor tivesse do Poeta uma visão mais próxima da verdade, pois ao seu tempo chegaria, por tradição oral, o conhecimento que dele haveria. Apresenta-no-lo como alguém que aprecia o luxo e nele vive, frequentador de «chás» e reuniões onde se joga, conversa e dança, como sucedia na casa do rico biscaíño D. Bartolomeu de Pancorvo, à rua das Flores, onde as senhoras disputavam a sua presença e as suas opiniões, e lhe solicitavam vivamente a leitura do «drama» *O Pomo de Ouro*, que ele acabara de escrever para as festas do abadessado da nobre D. Leonor de Almeida, no Convento de Santa Clara de Amarante.

O Poeta, que obtivera uma bem funda formação moral durante os seus estudos no Porto e em Coimbra, não poderia deixar de ter sempre presente no seu espírito os exemplos de seu pai, que, enviuvando, abraçou a religião, de um irmão juiz que se tornou familiar do Santo Ofício, de um tio que era sacerdote. Ele mesmo, abade de uma paróquia, durante mais de trinta anos, não podia ostentar baixos exemplos de imoralidade, incompatíveis com a dignidade do seu cargo e com o prestígio moral da hierarquia eclesiástica.

Júlio de Castilho, até hoje o principal biógrafo do abade de Jazente, a quem considera «um dos nossos melhores poetas facetos e mansamente satíricos», manifesta no seu estudo biográfico-crítico opinião semelhante, destituída de parcialidade ou de qualquer azedume. Revela-se compreensivo e sereno na apreciação do *facies* moral do Poeta, cujo *modus essendi* põe em relevo, descontando-lhe a porção de exagero que os poetas põem geralmente no que exprimem. É de fixar tal opinião, pois seu pai, António Feliciano de Castilho, que sabia de cor sonetos de Paulino Cabral e nascera uma década depois da morte deste, teria ainda ouvido referências à personalidade invulgar do sonetista exímio. De resto, atitudes viris de homem forte, franquezas de rijo maronês, habituado às rudezas de serranos com quem tinha de conviver, não se podem confundir com as de devassidão ou torpeza. É certo que a sátira lhe sai, por vezes, menos polida que a de Tolentino e tão acerada como a de Bocage, mas pode dizer-se que não chega a atingir as raias do impudor e da obscenidade.

Eram uma espécie de diário íntimo os seus versos, que improvisava muitas vezes, e os seus amigos recolhiam, indifferente o autor às glórias da Poesia, como o afirma o seu editor, o livreiro Farropo, que tanto se esforçou para os reunir em livro, ainda publicado em vida de Cabral. Os estratos da sua vida íntima, da sua vida rústica e da sua vida cidadina fornecem-lhe os temas: o amor, o Marão, o meio portuense. Dois acontecimentos históricos abalaram-lhe, sem dúvida, a sensibilidade: o terramoto de Lisboa de 1755 e a matança de 1757, ocorrida nas forcas da Cordoaria, e motivada pelo motim originado pelo estabelecimento, na cidade do Porto, da Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro. O primeiro despertou-lhe as fontes da emoção lírica, levando-o à produção duma longa poesia e dalguns sonetos — «sonetos animados de sentimentos morais e resignação religiosa», afirma Júlio de Castilho. Do segundo acontecimento, que tão profundamente abalou a população desta cidade, não existe qualquer repercussão na sua lírica, talvez porque o Abade muito admirava Sebastião José de Carvalho e Melo, ministro das mercês de El-Rei D. José, e responsável pela execução da horrível carnificina.

Com o culto de Camões e da pátria, aferrado aos velhos usos e costumes nacionais, de temperamento jocosos, sociável, Paulino devia, no entanto, pelas suas inclinações para a vida mundana, sentir-se oprimido na sua negra sotaina, e, decerto, muitas vezes teria pensado que errara o caminho da sua vida, a qual lhe apontava o mundo e não o altar. Seria vítima de uma forte tendência mística que havia na sua família e a ela prematuramente obedeceria. Daqui resultariam, ao atentar nas contradições da sua vida, certa amargura e certo descontentamento que se difundem em muitos dos seus versos, como nos que se seguem:

«Quando contemplo o tráfico da vida,
No bulício da Corte sempre incerto,
Parece-me esta aldeia um Céu aberto,
Livre de tanto engano e tanta lida.

Quando vejo a cidade submergida,
Passo no triste horror deste deserto;
Do negro luto o coração coberto
Os olhos meus a lágrimas convida».

Aos sessenta e tantos anos, o Abade vivia alquebrado, doente. Tratava-o um médico, talvez seu parente, de Amarante. Diagnosticou-lhe o achaque: vômito habitual. Expelia o que ingeria. «Talvez uma afecção cancerosa» — alvitra J. Castilho. Ou, antes, dispepsia, — sugerem outros. Não celebrava missa. Não podia cumprir os seus deveres paroquiais. Renunciou ao seu cargo e retirou-se para

Amarante, onde ainda viveu cinco anos. Faleceu aos vinte dias do mês de Novembro de 1789, sendo sepultado na igreja de S. Pedro da mesma vila. Como aconteceu ao seu muito admirado Luís de Camões e a tantos outros, a sua sepultura foi esquecida e é hoje ignorada.

II

É pequena a obra de Paulino Cabral, mas deve considerar-se valiosa. Resume-se a uns 363 sonetos, algumas décimas e glosas, quatro «romances» em verso, e pouco mais. Escreveu ainda uma pequena peça teatral, a que chamou «drama» e a que deu o título de *Pomo de Ouro*, já anteriormente referida. Isto o que foi publicado, em 2 volumes, pelo livreiro portuense Bernardo Farropo, ainda em vida do Poeta. Afirma, porém, Júlio Brandão, no seu livro «*Poetas e Prosadores*», que chegou a tomar conhecimento de um 3.º volume de versos, inédito, do abade de Jazente (quase todo constituído por sonetos), que lhe foi cedido pelo publicista, seu amigo, Abílio de Magalhães Brandão. E acrescenta: «Como arte, o livro em nada adianta os outros. Temos o mesmo poeta satírico, de veia fácil, em que o verso, em especial o soneto, é frequentemente esbelto, sem as maçadorias mitológico-gongóricas, sem as lampreias de ovos gratulatórias, sem as farfalhices da época...».

É, portanto, quase exclusivamente sonetista o douto Abade que, de facto, nele se sente com um à-vontade próprio de mestre consumado. Domínio perfeito da linguagem e clássico recorte da frase e da estrofe. Deve colocar-se entre os melhores cultores do género, tendo lido e relido Camões, de cujos versos faz, às vezes, centões nos seus sonetos, e percebendo-se que foi um devoto fervoroso do autor de «*Os Lusíadas*». Muitos, o maior número, são de carácter circunstancial e anedótico; outros ostentam certo cunho especulativo ou filosófico. Quanto aos primeiros, há-os de teor laudatório para celebrar aniversários e casamentos de pessoas de sua amizade; há-os de teor pessoal e autobiográficos, como o que principia:

«Eu cômo, eu bebo, eu durmo, e sem receio
Do que há-de vir a ser, a vida passo,
Ora de Nize no gentil regaço,
Ora das Musas no sonoro enleio.

As vezes pesco, às vezes jogo ou leio,
E torres vãs também no vento faço;
Depois me vou meter naquele espaço,
Onde Descartes tinha o seu passeio».

Paulino Cabral, que não era o *petit abbé* efeminado, mas o másculo homem das lombas do Marão, amou muito humanamente, apesar da sua condição de sacerdote. No meio portuense, encontrou a beldade ou beldades que lhe agitaram o coração e o fizeram meditar sobre a natureza e os efeitos do Amor. E fê-lo com felicidade, à maneira camoniana:

«Amor é um arder que se não sente;
É ferida que dói e não tem cura;
É febre que no peito faz segura;
É mal que as forças tira de repente.

É fogo que consome ocultamente;
É dor que mortifica a criatura;
É ânsia a mais cruel e a mais impura;
É frágua, que devora o fogo ardente.

É um triste penar entre lamentos;
É um não acabar sempre penando;
É um andar metido em mil tormentos.

É suspiros lançar de quando em quando;
É quem me causa eternos sentimentos;
É quem me mata, e vida me está dando».

Parece que o Poeta repartiu o seu amor por várias damas portuenses, que cantou sob os pseudónimos de Filis, Belisa, Arminda, Irene, Laura, mas o principal objecto da sua paixão foi Nise, anagrama de Inês, Inês da Cunha, segundo sua própria confissão, em que muito sinceramente lhe assacou defeitos e virtudes. Ressalvou-lhe sempre a formosura, que parece ter sido excepcional. Mas excepcional e interessantíssimo é o soneto em que lhe descreve a beleza do rosto com traços que surpreendem pela originalidade, dando-nos uma visão geométrica do semblante, evocadora dos semblantes, que, mais de cem anos depois, surgiram nas telas dalguns pintores modernistas.

«São linhas curvas, Nize, os teus cabelos,
A frente superfície a mais brilhante,
A celha semi-círculo distante,
E dois globos de luz os olhos belos.

A boca prendem ângulos singelos,
O nariz forma lombo dominante,
Que do centro do eclítico semblante
Horizontiza extremos paralelos.

Nele se abreviou dos Céus a esfera;
Pois de quanto contempla a fantasia,
Em ti mais perto a vista considera.

E é tanta do teu rosto a simetria
Que nele Euclides aprender pudera
Mais justas proporções de geometria».

Tipos e aspectos sociais do Porto, as mudanças de costumes, os novos tratamentos das pessoas, o preço das coisas, são motivos frequentes do lirismo de Cabral, cuja atenção e sensibilidade também se voltaram para o que à sua roda vivia e se passava. O tipo do letrado que retratou, é magnífica caricatura, no género das que traçaram Bocage ou Tolentino. A justiça humana é ironizada em óptimo soneto, — justiça que demora e acaba por não ser feita, porque as sentenças... não se executam.

O uso de tratamento de «senhoria», no seu tempo, passou a ser moeda corrente. Eis por que afirma:

«Tudo está caro: só em nossos dias,
— Graças ao Céu! — temos em mui bom preço
Os tremoços, o arroz e as Senhorias».

Tudo o Poeta concede: que uma dama cante, dance, verseje, toque, passeie, vá ao café e às assembleias...

«Só não soffro a rasgada cortesia
Que faz que uma vilã se condecora
Chupando Dom, lambendo Senhoria».

Vivia-se na época de Luís XV e a França tinha irradiado pelo mundo a sua civilização, o brilho da sua vida social, política e literária. O influxo chegara a Portugal e ocasionara mudança de costumes. Notou-o o Poeta no soneto de título «Costumes modernos»:

«Tem-se feito entre nós tanta mudança
Que Portugal, tão rústico algum dia,
Já nas nações estranhas se avalia
Por aluno fiel da douda França».

E indica algumas dessas mudanças: vai-se ao teatro, ao jogo, à dança; conversa-se confiadamente; os sexos fazem-se mútua companhia e sem motivo para inquietações; acabaram as liteiras, as velhas liteiras, e surgem as berlindas, as boleias, rodando com «mais gentil velocidade».

Também a renovação material operada então na cidade do Porto, devida às grandes obras empreendidas pelo presidente do município, D. Francisco de Almada e Mendonça, mereceu a Paulino Cabral registo nos seus versos:

«Dos teus, ó Porto, antigos horizontes
Apenas se descobrem os indícios,
Porque até dos penhascos nos resquícios
Se estendem ruas, se sustentam fontes.

Novos cais, novas praças, novas pontes,
Torres, templos, palácios, frontispícios,
Te dão tanta extensão, que os precipícios
Já são cidade, e deixam de ser montes.

Cada vez cresces mais. Oh! sempre claro
Te assista o Céu, e tenha decretada
Duração, que resista ao tempo avaro.

E serás imortal, se mensurada
A vires pelo nome do preclaro
Teu fundador segundo, o ilustre Almada».

A vida do Abade, até aos seus últimos anos, pendulou com regularidade entre o burgo portuense e a sua paróquia de Jazente, cujo retiro por vezes apetecia, fatigado do viver cidadão. Aí apreciava a paz dos campos e dos montes, a tranquilidade de uma existência sem grandes cuidados e canseiras, a ponto de considerar essa paz virgiliana como um ideal atingido pelo rústico aldeão:

«Oh! quanto vive alegre o que da aldeia
A rústica vivenda se acomoda;
Adonde os campos lavra, as vides poda,
E em santa paz o seu casal granjeia!»

Servir-lhe-iam esses calmos retiros para algumas meditações sobre os defeitos e as contradições da natureza humana, que tão de perto observara no seu contacto frequente, diário, com pessoas de diversa cultura e psicologia, e sobre os problemas que se colocavam à sua inteligência e à sua consciência: o Amor e a Dor, o Bem e o Mal, a Vida e a Morte, o Além-Mundo...

Mas logo a instabilidade do seu temperamento o levava a queixar-se de viver num verdadeiro ermo, num «deserto inhabitado», lugar só para infelizes e desesperados:

«E então, estupefacto, mudo e quedo,
Assim estou de meus males aturdido,
Qual junto de um penedo, outro penedo».

A queixa vai mais longe. O Poeta chega a confessar este desespero:

«Em nada encontro alívio: na cidade
Me enfada a confusão, e retirado
Das montanhas me assombra a soledade.

Não tem mais que afligir-me o duro fado,
Pois me faz com cruel contrariedade
Que viva em toda a parte magoado».

Temos aqui indícios bem claros do pré-romantismo de Paulino Cabral, em cujo estro vieram bater as várias correntes literárias que coexistiram no seu tempo: a barroca, a neo-clássica, a romântica.

Outras confidências de acento romântico do Poeta, embora empregando a sua sóbria e correcta linguagem de árcade, são as que se deparam em mais alguns sonetos, denunciadores de certas atitudes ou sentimentos perante a existência: cansaço da vida, peso da dor, convicção da sua própria desgraça, crueldade do destino, apetência da morte...

III

O segundo volume de poesias de Paulino António Cabral enceta-se com uma polémica em verso que o Poeta travou com o seu amigo e confrade em letras Teodoro de Sá Coutinho.

Acerca deste, escreveu Camilo no seu «*Cancioneiro Alegre*»: «Não o conhecem os bibliófilos, posto que no volumoso tomo das «*Poesias*» de Paulino Cabral se compreendam notáveis sonetos dele. Nasceu no fim do século XVII; floresceu e frutificou pouco menos de obscuramente até meados do século XVIII. Era da casa de S. João de Rey, descendente portanto de Francisco de Sá de Miranda».

Da leitura dos versos da polémica havida fica-se a saber que Teodoro Coutinho, bom poeta, frequentou, como Paulino, a Academia Episcopal do Porto e que já era homem de setenta e tantos anos quando o Abade se lembrou de o felicitar, algo ironicamente, pelo seu aniversário. Teodoro ripostou, entre risinho e agressivo, aos dois «romances hendecassílabos» de Paulino com uma «silva», e a disputa continuou através de uma cinquentena de sonetos, escritos alternadamente. Coutinho revela-se, de facto, como Paulino, excelente sonetista e correcto metrificador, com mais azedume por parte do primeiro, com mais serena

elegância por parte do segundo. Interessantes estes versos de um dos «romances» de Cabral:

«Os poetas têm parte de divinos;
Haver não pode neles mediania

.....
Para ser bom poeta é necessário
Que um furor arrebate a fantasia».

Um passo da «silva» de Sá Coutinho tem especial interesse, porque nele evoca actividades e recreações de Paulino na sociedade portuense de então: as profissões de freiras no convento de Monchique, para as quais ele fazia «romances» e canções; os versos que compunha para as de Santa Clara e as árias para as de S. Bento, «italianas, gregas e latinas»; as funções do Prelado; os aniversários do Conde (deve ser o Conde de Alva), nos quais costumava cantar; coplas ou madrigais às senhoritas, em bailes e bodas; versos às «servilhetas do vizinho» e, até, às Valongueiras... E, com verdade ou sem ela, galhofando ou não, diz-lhe duramente num soneto:

«Mas se queres pregar com liberdade,
Lava a sobrepeliz; pois diz a gente
Que algumas nódoas tem, e não consente
Repreensões sem exemplo a nossa idade».

Um grupo de «poesias várias» é constituído por alguns motes e glosas, décimas e «romances». De «romance fúnebre» apelidou Cabral a extensa composição de 52 quartetos hendecassílabos versando, de novo, o tema do terramoto de Lisboa: faz avultar o profundo terror que causou o abalo, o qual só explica por um acto punitivo da Providência. Nesta longa poesia, há preferência do Poeta pela rima toante, tal como acontece, com prejuízo do ritmo, com o «romance» consagrado à Condessa de Alva, «assistindo em dia de S. Gonçalo a um festejo no Porto». Não tem a costumada fluência do estilo de Paulino, antes são frequentes as inversões ou transposições, os hipérbatos, à maneira arcádica, e, com as suas Ninfas, bosques de Erimanto, os deuses do paganismo Mavorte, Vulcano e Neptuno, é quase uma sensaboria... mitológica. No fundo, o propósito do autor foi simplesmente prestar homenagem às virtudes morais da condessa Dona Constança e às qualidades artísticas que possuía.

Mais interessante é a «Carta», em prosa e em verso, que dirigiu a um amigo, certamente do Porto, a quem afirma: «Temos justo uma partida de galhofa, em que entra Teodoro de Sá, António Peixoto, um amigo, e este seu criado: porém isto é *passar la vida, y no más*» ...E continua: «Esta já vai sendo

grande; mas ao menos diverti parte da melancolia, *che mi piomba sul cuore*. Já a Vm. adverti que não mostrasse esta, nem ainda aos meus amigos. Regale-se, coma, beba, durma, descanse, e escreva a miúdo, que eu vou fazer um minuete e uma saudade. Volte Vm. e vejamos se a própria mágoa me inspira umas tris-tíssimas cadências».

Mereceram as honras de serem transcritas no «*Cancioneiro Alegre*», de Camilo, as quarenta e quatro sextinas que têm o título simples de «Verdades Singelas». Nelas se encontra à vontade o temperamento satírico e faceto de Paulino e se exemplifica incisivamente o conhecimento que tinha do mundo e da vida,—da vida real e social. Eis algumas dessas «verdades», feitas «sem artifício e conceito», como ele diz:

«Dizer um senhor fidalgo
Que tem três contos de renda,
E que gasta uma fazenda
Só em sustentar um galgo,
Que todas as lebres mata...
Patarata.

Andar outro embonecado
Ter amores, ter afectos,
E, depois de ter já netos,
Andar inda namorado,
Sem se lembrar da velhice...
É tontice.

O que consente à mulher
Andar na dança aos boléus,
Escrever a chichisbéus
E que lhe deixa fazer
Em tudo a sua vontade...
Vá ser frade.

Ministro que lê Descartes
Em vez de ler por Temudo,
Ou que faz na solfa estudo
Mais que nos feitos das partes,
Está mui bem premiado
Aposentado».

.....

Inclui o volume segundo de poesias de Paulino António Cabral «O Pomo de Ouro ou o Mérito Premiado», escrito para se representar, como já foi dito, na festa da eleição de D. Leonor do Cenáculo de Almeida e Carvalhais, no Convento de Santa Clara de Amarante. O «drama», assim designado, não é mais do

que uma fantasia cénica, de ambiente e sabor clássicos, ao gosto da época, com o objectivo principal de homenagear a Prelada e a nobreza da sua família. No início da peça escreveu o autor o seguinte argumento: «Vénus, amante dos Portugueses, conduziu à Índia, e amparou, os heróis daquela navegação, entre os quais foram, como diz Camões, os temidos

Almeidas por quem sempre o Tejo chora.

Como a senhora D. Leonor do Cenáculo de Almeida e Carvalhais é illustre ramo destes preclaros ascendentes, se finge que a deusa, no dia dos seus festejos, quer também concorrer com a oferta de um pomo de oiro, que já foi prémio da sua beleza. O resto faz a composição e ornato do presente drama».

A acção, que é bem simples, decorre ao pé do monte Atlante, numa praia à vista do jardim e palácio das Hespérides. São naturalmente mitológicas as personagens: Vénus, Marte, Adónis, Hesperthusa, Alcides, Héspero, Segredo, além das três Graças e alguns Amores, que contracenam num pequeno enredo de amor, baseado na paixão de Adónis por Vénus e nos ciúmes de Marte... O enredo não tem consequências e apenas pretende levar à concessão do «pomo de oiro», colhido no Jardim das Hespérides, à illustre Abadessa, — entrega feita pela própria deusa da formosura, que, em cena, enaltece a feliz possuidora dos dons premiados em Juno, Palas e Vénus: a nobreza, a virtude, a beleza.

A peça, em dois actos ou partes, com variedade de metros e fluência de linguagem, não teria passado de um simples divertimento teatral numa circunstância festiva, de uma homenagem de possível conterrâneo qualificado literariamente, que, no seu entusiasmo de preitear, cometeu a ingenuidade de colocar Vénus a dar vivas à Prelada Leonor...

Findam o volume três composições de carácter mais ou menos chistoso, todas endereçadas a um dos seus grandes amigos, o abade de Polvoreira, José Moreira da Silva, que parece empunhava, de vez em quando, a lira de Apolo: «Ode ao Outono», «Liras» e «Advertências Morais». São geralmente conselhos de ordem prática, ditados por uma longa experiência da vida, entremeados, no entanto, de avisos sobre a sua brevidade e a proximidade da morte. Já a sentia a rondar-lhe a sua própria porta o Poeta de Jazente e já a voz lhe saía em cantos tristes, em prenúncios funestos, desalentada e saudosa. Saudosa da vida alegre e literária do Porto; saudosa do amor e das musas que tinha amado. Por isso, assim finalmente se expressou, reduzindo

a sentidos versos os seus longos e repetidos exames de consciência:

«Adeus! Já basta, Amor: a mocidade
Te ofr'eci por primeiro sacrificio;
E, ao depois, a razão; e o desperdício
Por último te fiz da longa idade.

O dever, o decoro, a dignidade,
Tudo arrisquei para te ver propício;
E se a honra salvei do precipício,
Foi mais que favor teu, do Céu piedade».

.....

«Musas, adeus, e adeus eternamente;
Porque já rouca a voz, e a mão já fria,
Perde, se canta, a doce melodia,
Rompe, se toca, a cítara cadente.

Se algum tempo atenção me dava a gente,
Se talvez com prazer Nize me ouvia,
Tudo enfim se acabou; porque a harmonia
Depois da mocidade se desmente.

Tudo me falta enfim: o engenho, a arte,
E tudo mais que ao peito dos humanos
O vosso Apolo, quando quer, reparte;

E apenas só conservo nos meus anos
O vigor para dar, inda que tarde,
Documentos fiéis de desenganos».

*

* * *

Contemporâneo de Garção, Quita e Cruz e Silva, deve, contudo, enfileirar-se Paulino Cabral entre os poetas da geração seguinte, a dos árcades neo-clássicos e pré-românticos: Bocage, Filinto, Tolentino e outros. Sonetista a par dos melhores do seu tempo, o seu pendor fortemente satírico não foi incompatível com o amor da Pátria, o culto de Camões, a devoção ao terrunho natal, o respeito das verdades essenciais. Testemunha da sua época, os seus versos podem ser depoimento para a história do seu tempo. Cultivou a sátira, mas a sua sátira atingiu os costumes e não o indivíduo. É social, não é individual.

Tem sido julgado, por vezes, com demasiada severidade, não se lhe perdoando pecados ou pecadilhos que cometeu, como outros cometeram, dada a fragilidade do barro humano. Mas os defeitos do homem são sobrelevados pelas qualidades de artista deste poeta nortenho, que deu honra ao Porto e à sua terra natal. Em soneto célebre, o talento excepcional de Bocage preiteou Paulino, colocando-o ao lado dalguns dos mais ilustres do seu século: Correia Garção, Filinto Elísio, Cruz e Silva, Reis Quita e ele próprio. Eis um simples facto que não pode deixar de ser desvanecedor para a memória do exímio sonetista de Setecentos.